TABACO: UM OUTRO LADO NEGRO

FOTOS DE ANTONIO SCORZA

Cadeia de produção. Diversos membros da família Podewils trabalham em estufa onde secam e classificam fumo em São Lourenço do Sul (RS): quase todos relatam sintomas da doença do tabaco verde, como enjoo, vômito, tremor e fraqueza

Perto do perigo. Um produtor e sua família: galpão onde manipulam as folhas fica junto ao cômodo em que vivem

Recomeço. Irio Blank Harntwig com as ovelhas que cria: ele teve depressão, pressão alta e problemas cardíacos

A PONTA ESQUECIDA DA INDÚSTRIA DO CIGARRO

Produtores de fumo sofrem com doenças físicas e psíquicas que estudos atribuem ao contato com as folhas; só no Sul, 160 mil famílias vivem da 'commodity', cuja exportação o Brasil lidera

FLÁVIA MILHORANCE
Enviada especial
flavia.milhorance@oglobo.com.br

-SÃO LOURENÇO DO SUL, RS- A 200 quilômetros ao Sul de Porto Alegre, as rodovias são cortadas por estradas de terra que levam a cenários bucólicos, onde pastagens são de um verde vivo, pés de pêssego estão floridos como cerejeiras, e vacas e ovelhas se confortam sob o sol do inverno. Se seguirmos pelos caminhos empoeirados, surgem grandes galpões de tijolos. São estufas que indicam que a atividade ali é o fumo. Aproximando-nos, encontramos famílias de agricultores que, em geral, aparentam mais idade do que têm. E contam história similar: depois de dias intensos de colheita, sofrem enjoo, vômito, dor de cabeça, tremor, fraqueza. O que, antes, acreditavam ser o desgaste do trabalho pesado, hoje sabem que é intoxicação por nicotina. Não é só o cigarro, alvo de bem-sucedido cerco nas últimas décadas, que faz mal, mas também o contato da pele do fumicultor com a folha molhada do tabaco.

A chamada doença do tabaco verde, já descrita em estudos científicos, ocorre principalmente no período da colheita, quando agricultores carregam nos braços as folhas úmidas, seja por suor, orvalho ou chuva. A nicotina é uma molécula solúvel, por isso a água aumenta sua absorção. As concentrações de cotinina (derivado formado após a entrada no corpo) nesses trabalhadores são altas. Um fumante tem níveis acima de 50 ng/ml. Testes de urina realizados pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde mostraram que agricultores não fumantes com sintomas da doença tinham níveis entre 68 e 380 ng/ml. Se fumavam, os índices saltavam para 180 a 800 ng/ml. Os efeitos de longo prazo ainda não estão claros, mas, segundo o ministério, podem aparecer problemas como câncer, doença pulmonar obstrutiva crônica e cardiopatias.

— Sempre ajudei na plantação e, depois da colheita, ficava zonza. Via minha mãe, meu irmão, minha tia na mesma situação, com a cara pálida, vomitando. Ficava apavorada — conta Géssica Podewils, que hoje trabalha no Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa), assistindo famílias que querem parar de plantar tabaco.

A jovem de 20 anos integra uma família da zona rural de São Lourenço do Sul (RS). São oito pessoas, todas agricultoras, incluindo a avó Zeli Maria. Só o pai, Ronei, não se queixou do desconforto. O Brasil é o maior exportador e o segundo maior produtor de tabaco do mundo, com 706 mil toneladas anuais — 90% das quais vêm do Sul, numa cultura espalhada por 756 municípios e a cargo de 160 mil famílias.

São cerca de dez indústrias, em geral transnacionais, nos três estados do Sul. Produzem cigarro ou enviam folhas ao exterior e implementaram um sistema baseado na agricultora familiar. Participam de todo o ciclo, com financiamento de insumos, assistência técnica e compra da safra.

A produção de tabaco no Sul remonta ao início do século XX. E, na década de 1990, as grandes empresa migraram de países do Norte para se estabelecer por aqui, onde encontraram clima e agricultores adequados e custos mais vantajosos.

Presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke alega que a intoxicação não ocorreria se os agricultores usassem equipamentos de proteção:

— Quando soubemos da doença, há uns cinco anos, contratamos um especialista para desenvolver uma vestimenta de proteção. Depois, outra empresa constatou nela 98% de eficiência. Ela é oferecida a preço de custo. Está comprovado que quem a usa não tem problema.

POUCO USO DA ROUPA DE PROTEÇÃO

Um estudo da Universidade Federal de Pelotas (RS) publicado este ano na revista "American Journal of Industrial Medicine" contesta o que ele diz: "O uso de vestuário de proteção não garantiu efeito contra a doença (...) No Brasil, o controle de qualidade do vestuário de proteção é fraco. Depois de terem sido lavadas apenas algumas vezes, (as roupas) perdem sua eficácia". Na família de Géssica, todos a usam. Mas a maioria das outras, não.

— A colheita é no verão, então não tem como aguentar aquela roupa debaixo de sol forte o dia todo — diz Lauro Leitzke. — A pressão cai, dá vômito, tontura. Toda vez é a mesma coisa. Mas fazer o quê, se a gente está endividado e tem que se sustentar?

O mesmo estudo também estimou a prevalência da doença em 6,6% entre os homens e 11,9% nas mulheres no Sul. Outra pesquisa do mesmo grupo publicada este ano na "NeuroToxicology" trata do risco de esses agricultores desenvolverem distúrbios psiquiátricos. Trabalhos anteriores associaram a intoxicação por agrotóxicos (comumente usados na produção de tabaco) a depressão, transtornos de humor e tentativas de suicídios. Agora os pesquisadores reforçam a relação, além de pregar que a intensa exposição à nicotina também traz prejuízos à saúde mental.

Írio Blank Harntwig plantava tabaco desde os 12 anos e parou há três, depois do diagnóstico de depressão, pressão alta e problemas cardíacos, assim como uma dívida de R$ 40 mil contraída com indústrias fumageiras. Tem 52 anos. Sua esposa, Flora, 51 anos, e seus dois filhos de 20 e poucos anos também trabalhavam na lavoura. Todos saíram. Sob lágrimas, Írio diz estar arrependido dos anos de plantio.

— Num dia de colheita, comecei a sentir uma dor forte, e o médico disse que era o coração. Eu não sabia que a nicotina fazia mal — diz Írio, hoje pedreiro e criador de ovelhas que já planta alimentos orgânicos. — Achávamos que era preciso usar agrotóxico. Vimos que é só cuidar da lavoura.

A quantidade de produtos químicos até caiu ao longo dos anos — de 5,5 quilos por hectare, em 1990, para 2,2 quilos em 2011, estimam pesquisas (ou 1,1 quilo, hoje, como diz o SindiTabaco). Mas, segundo estudo da Fiocruz, os herbicidas e fungicidas usados são "moderadamente" a "altamente" tóxicos e podem ser absorvidos pela pele, por ingestão ou inalação. A combinação entre nicotina e inseticidas preocupa, e a pesquisa alerta: "São comuns os casos e as tentativas de suicídio nas pequenas propriedades de cultivo do tabaco". ●

Produção insustentável, humana e ambientalmente, na página 40

Números

380

NANOGRAMAS POR MILILITRO DE SANGUE
É o índice de um derivado da nicotina encontrado em produtores de fumo não tabagistas, segundo um estudo. Fumantes frequentes têm bem menos: cerca de 50 ng/ml. Fumicultores tabagistas chegam a atingir 800 ng/ml.

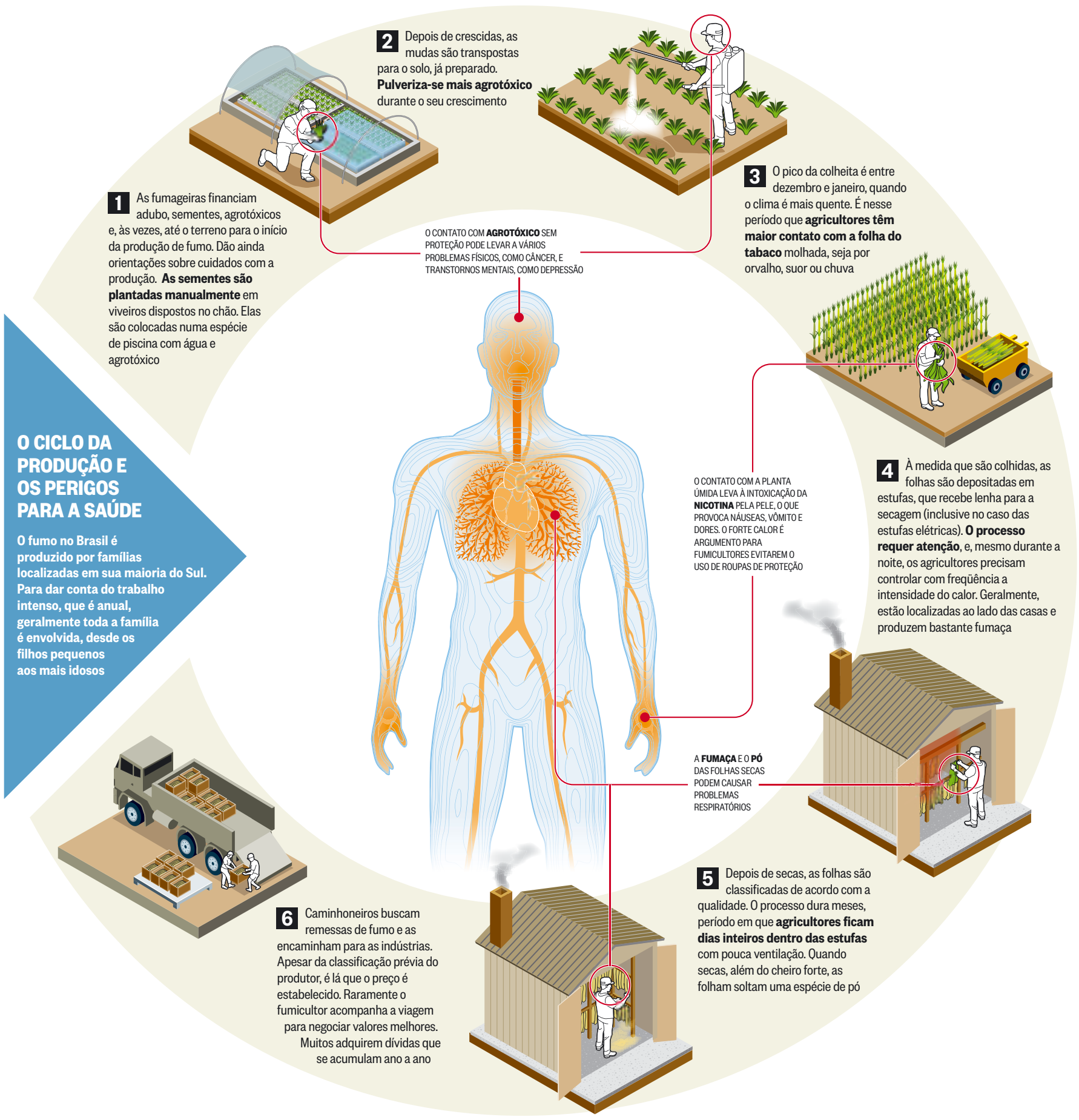
706 MIL

TONELADAS
É a produção anual de fumo no Brasil, 90% dos quais vêm do Sul. O país é o segundo maior produtor e o maior exportador.

1,1 KG

DE AGROTÓXICOS POR HECTARE
É a média empregada nessa cultura, segundo o sindicato da indústria. Estudo de 2011 estimou o índice em 2,2 kg.

TABACO: UM OUTRO LADO NEGRO



FOTOS DE ANTONIO SCORZA

Sem parar. Jovem trabalha na estufa e faz a chamada 'boneca', um conjunto de folhas de fumo

Pai e filho. José Eupídio e Igor, que tem 19 anos e trabalha na cultura desde pequeno

"Sempre ajudei na plantação e ficava zonza. Via minha mãe, meu irmão, minha tia na mesma situação, com a cara pálida, vomitando."

Géssica Podewils
Agricultora de 20 anos

"Contratamos um especialista para desenvolver uma vestimenta de proteção. Quem a usa não tem problema."

Iro Schünke
Presidente do sindicato da indústria do tabaco

"O uso de vestuário de proteção não garantiu efeito contra a doença."

Trecho de estudo da Universidade Federal de Pelotas

"Trabalhamos nisso desde 1998 e avançamos. Hoje não tem criança trabalhando.

Iro Schünke

"As crianças ajudam na lavoura. É um sistema perverso."

Margaret Matos
Procuradora do Ministério Público do Trabalho

PRODUÇÃO INSUSTENTÁVEL, HUMANA E AMBIENTALMENTE

Trabalho infantil e danos à mata nativa na cultura do fumo são alvos de multas e denúncias do Ministério Público

Dizem os agricultores que o tabaco é como um filho: a cultura precisa de cuidado intenso, às vezes dia e noite ininterruptos. Com um modelo baseado na agricultura familiar, garantir a produção significa envolver todos seus membros. Em geral, as matriarcas, mesmo idosas, são ativas. Não raro, crianças participam, especialmente da colheita. O presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke, orgulha-se do esforço no combate ao trabalho infantil ao longo dos últimos anos. Mas o Ministério Público do Trabalho do Paraná diz que o problema está longe de ser resolvido. E não é só aí que recai a insustentabilidade do sistema: além do contato com nicotina e agrotóxicos, há frequentes denúncias de avanço sobre a mata nativa e contaminação de solo e água.

Para combater a entrada de crianças nas lavouras, Schünke explica que o sindicato tem investido na conscientização dos produtores por meio, por exemplo, de seminários e regras mais rígidas:

— Trabalhamos nisso desde 1998 e avançamos muito. Hoje não tem criança trabalhando. Ainda existe alguma dificuldade com adolescentes, mas estamos investindo forte no controle. O contrato das indústrias é por safra, e o produtor, para assinar, precisa apresentar atestado de matrícula dos que não completaram o ensino fundamental e de frequência à escola, senão ele não é renovado.

Quase 90% dos agricultores não completaram o ensino fundamental, segundo dados da Universidade de Santa Cruz do Sul (RS). Ao todo, cerca de 150 mil crianças são de famílias de agricultores de tabaco. Um levantamento de 2008 com 1.128 fumicultores do Sul feito pelo Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (Deser) mostra que 40% dos filhos homens e quase 20% das mulheres, além de 9% dos filhos abaixo de 12 anos, auxiliam no cultivo. Um problema que não é só brasileiro. Em maio, a ONG Human Rights Watch denunciou o trabalho infantil nas lavouras americanas de fumo.

— As crianças vão à escola e ajudam na lavoura no resto do dia. A colheita é no final do ano, quando elas estão de férias — explica a procuradora Regional do Trabalho no Paraná, Margaret Matos, que há quase duas décadas acompanha o modelo de produção no Sul. — A indústria sabe quantas pessoas são necessárias para produzir e sabe que a família acaba participando. Portanto, beneficia-se de mão de obra não remunerada. É um sistema perverso.

De acordo com ela, estudos mostram que as crianças sofrem mais do que os adultos com os agrotóxicos. E outros sugerem até mesmo déficit de crescimento e de cognição, além de desnutrição.

A fiscalização tem aumentando, por isso os agricultores já compreendem que é ilegal empregar os filhos pequenos A função, entretanto, vem de pai para filho. Jovens e adultos contam ter começado cedo. Aos 19 anos, Igor Guilherme Nunes tem tanta noção do processo, de seus empecilhos e possibilidades, que parece ser até o dono do negócio.

— Sempre acompanhei — confirma.

Sem completar os estudos, o pai, José Eupídio, surpreende-se com a iniciativa do filho, que agora espera a irmã mais velha terminar a faculdade de Direito para também ingressar no curso de veterinária. A ideia é ir parando com a produção de tabaco e aumentando a de leite, que já conta com 50 vacas. Entre os motivos para a mudança está o endividamento com a indústria do fumo, comum entre agricultores, e a precariedade da atividade, que vai além dos sintomas da intoxicação pela nicotina.

— É um tipo de produção que gera abusos de direitos humanos, como trabalho infantil e condições desfavoráveis do trabalho — critica Marcelo Moreno, pesquisador do Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde da Fiocruz, que realizou uma pesquisa no município de Palmeira (PR).

FAMÍLIAS INTEIRAS EM TORNO DA ESTUFA

O ciclo produtivo é extenuante. No período da colheita, em pleno verão, o fumo é retirado manualmente do solo e depositado em estufas, que recebem lenha para a cura. À noite, é preciso acordar para manter estável a temperatura. Num momento seguinte, as folhas secas ficam depositadas nas próprias estufas ou em pequenos depósitos praticamente sem ventilação. Por meses, famílias inteiras se reúnem nesses espaços para classificar o fumo de acordo com a qualidade, o que define o preço.

— O cheiro lá é forte, tem um pó da folha que dá falta de ar — conta Joselaine Oliveira, 23 anos.

Em outros períodos, há plantação das sementes, transposição das mudas e manejo das plantas. O uso de agrotóxicos ocorre em todos eles, o que pode prejudicar o solo e a água, diz estudo da Universidade de Santa Cruz do Sul. Desmatamento foi constatado pelo Ibama, que, num relatório recente, contou 20 hectares de Mata Atlântica destruídos no entorno de Segredo (RS).

— Além de limpar a área para plantar mais fumo, eles usavam a madeira para a secagem das folhas — relata o procurador federal Roberto Rigon.

Cerca de dez famílias fumicultoras foram multadas em R$ 7 mil por hectare desmatado, a madeira foi apreendida, e a área, embargada. E o Ministério Público Federal estabeleceu, depois de quase um ano de conversas, a assinatura de dois documentos com o SindiTabaco e outras entidades: um acordo de cooperação técnica e um termo de compromisso para a confecção de 200 mil cartilhas de conscientização e a contratação de um satélite para monitorar quase seis mil quilômetros quadrados.

— Como a cadeia produtiva é organizada, comprovamos que a indústria sabia do desmatamento e tinha responsabilidade — diz o procurador. — Uma das minhas propostas é estabelecer uma licença ambiental para as estufas, elas queimam lenha e liberam gás carbônico não monitorado. Isso protegeria o ambiente e o trabalhador, que respira aquilo. ●

NA WEB
oglobo.com.br/sociedade
Vídeo: Famílias falam sobre as doenças que desenvolveram pelo contato com o tabaco em http://glo.bo/1o1yBMk

Fotogaleria: O trabalho dos fumicultores no Sul em http://glo.bo/1tHjN7R

TABACO: UM OUTRO LADO NEGRO

FOTOS DE ANTONIO SCORZA

Não vale quanto pesa. Trabalhadora separa folhas de fumo numa estufa em sua propriedade, na zona rural de Pelotas: esperança de lucros rapidamente se desfaz para muitos

Drama. Giovane checa sementes: R$ 70 mil em dívidas

Fardo. Caminhão é carregado: preço é dado longe dali

O VÍCIO ECONÔMICO DA CULTURA DO FUMO

Modelo de produção controlado pelas fabricantes de cigarros faz plantadores acumularem dívidas

FLÁVIA MILHORANCE
Enviada especial
flavia.milhorance@oglobo.com.br

-PELOTAS, RS- Pelos cálculos feitos de cabeça, Giovane Fouchy acumula dívida de R$ 70 mil. Até o pequeno terreno onde vive com esposa e três filhas na zona rural de Pelotas (RS) foi financiado pela indústria do fumo. Giovane pensou que teria uma boa renda na lavoura, sonho compartilhado pelos agricultores que iniciam o negócio. Acontece que toda a cadeia produtiva, do financiamento de sementes à compra da safra, é controlada pela mesma empresa. E isso, segundo especialistas, provoca nos fumicultores forte dependência econômica.

— Há um alto investimento, que o produtor vai pagar em dez, 20 anos, e nesse período ele se torna refém da indústria. Acaba sendo um mecanismo de escravidão — denuncia Amadeu Bonato, pesquisador do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (Deser).

A ideia de lucro com o tabaco vem de experiências de alguns agricultores. Ronei Podewils mantém uma plantação de 120 mil pés, estufas elétricas, trator e uma produção que, na última safra, garantiu-lhe lucro de R$ 60 mil, usado para sustentar a família de oito pessoas durante o ano.

— O fumo precisa de pouca terra e dá o suficiente para viver — pensa.

Giovane não teve a mesma "sorte". Ele começou a plantar tabaco aos 7 anos, quando o pai abandonou os pés de pêssego após a falência da fábrica de doces local. A última safra lhe rendeu R$ 75 mil. Na ponta do lápis, no entanto, descobre que o lucro é um terço do valor, já que os cuidados são caros e intensivos. Este ano não deverá ganhar nem metade. Enquanto isso, apenas uma parede divide o cômodo onde vive e o depósito de fumo, pois não teve como arcar com a construção da casa.

— Era convicto de que o fumo podia dar dinheiro, mas estou vendo que não dá futuro para ninguém — diz, desestimulado.

A classificação do tabaco é um dos principais motivos de conflito entre agricultores e empresas. Só a folha do tipo Virgínia, por exemplo, tem mais de 40 níveis de qualidade, atribuídos segundo características físicas e químicas. Nos galpões, a família separa manualmente as remessas em alguns desses níveis, mas só na indústria o preço é definido. No caso de Giovane, a mais de 400 quilômetros de casa.

— A cadeia da produção ao consumo é articulada por transnacionais, que buscam o controle do processo e têm poder de decidir o preço final. Às vezes pagam bem, mas geralmente o preço fica abaixo do esperado pelos agricultores — analisa Tania Cavalcante, secretária executiva da Comissão Nacional Para a Implementação da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco.

Lauro Leitzke contraiu dívida de R$ 40 mil. Este ano ainda nem começou a produzir mudas. Tentou vender o terreno em Pelotas para quitar as dívidas e mudar de ramo. As três filhas querem continuar no campo. Lauro fala pouco e com semblante triste.

— Teria investido no leite, mas não acredito que dê para fazer isso agora — diz.

Pesquisador do Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde da Fiocruz, Marcelo Moreno entrevistou 71 mulheres do município de Palmeira (PR) e investigou como elas enxergavam a fumicultura.

— Elas já conhecem a intoxicação por agrotóxico, o câncer relacionado à radiação solar, a doença da folha, os problemas osteomusculares pelo levantamento de peso, o trabalho extenuante... — comenta Moreno, que explica por que elas permanem no ciclo degradante: — Notamos um sistema integrado de produção que amarra o produtor. Existe uma dependência econômica. É um grande problema o medo de sair e achar que não vai conseguir sobreviver, mesmo sabendo que está adoecendo.

'SISTEMA RECONHECIDO INTERNACIONALMENTE'

O que alguns pesquisadores chamam de dependência econômica é o que o presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke, diz, na verdade, garantir a competitividade do fumo brasileiro, que perde em produção apenas para a China.

— Sempre vai ter trabalhador que não produz bem, mas a maioria fica satisfeita. O sistema é reconhecido internacionalmente e garante o tabaco brasileiro como um dos melhores — afirma. — A classificação segue uma instrução normativa do Ministério da Agricultura, e existe um técnico na hora da definição do preço para dirimir qualquer dúvida. É importante estar tudo separado, porque o cliente vem ao Brasil e escolhe o *blend*, a mistura.

Schünke defende o fumo como uma cultura lucrativa e flexível às características da terra. Mas segundo a coordenadora do Centro de Apoio ao Pequeno Trabalhador (Capa) Rita Surita, a produção é bastante heterogênea em cada área.

— No Sul gaúcho, a indústria se firmou a partir da década de 1980 como alternativa à crise econômica. Os agricultores foram deixando de plantar alimentos para produzir fumo, e hoje estão empobrecidos e endividados — lamenta Rita. — Há estudos mostrando que temos agricultores muito eficientes e disciplinados que funcionam para produções trabalhosas como a do fumo.

Embora a tendência mundial seja a da redução de incentivos e subsídios, a importância econômica da atividade no Sul leva governos a distribuir benefícios. Isso porque o Brasil produziu 706 mil toneladas de tabaco ano passado, mais de 90% nos três estados da região. É o maior exportador, com 87% da produção destinados a países como Bélgica, China e EUA. Em 2012, foi o terceiro produto agrícola das exportações primárias (US$ 3,256 bilhões). E ainda arrecadou cerca de R$ 10,8 bilhões em impostos.

Em 2013, com incentivo do governo gaúcho, a Philip Morris inaugurou uma fábrica de cigarro em Santa Cruz do Sul, num evento com a presença do governador Tarso Genro. Na ocasião, ele discursou: "vamos incentivar empresas não predatórias". E continuou : "a estrutura estatal tem uma função organizadora e indutora do desenvolvimento econômico e social, e é por isso que financiamos essa expansão e estamos muito orgulhosos disso".

Na última quinta-feira, O GLOBO procurou o governo do estado para comentar os subsídios à indústria, mas sua assessoria de comunicação respondeu que não havia tempo hábil para a resposta.

A doação a campanhas eleitorais por indústrias do tabaco é frequente. Dados do Tribunal Superior Eleitoral e da ONG Transparência Brasil mostram que a Continental Tobaccos Alliance ficou no topo do ranking: entre 2002 e 2008 doou R$ 1,06 milhão a políticos de Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Na sequência, estão Alliance One (R$ 810 mil em 2006 e 2012) e Sudamax Indústria e Comércio de Cigarros (R$ 522 mil em 2006), seguidas por uma série de outras empresas do tabaco com doações menores.

Pouco a pouco, o governo federal vem diminuindo os incentivos à fumicultura por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Hoje o agricultor precisa comprovar que parte da propriedade é destinada a outra atividade que não o tabaco. Em 2001, o Pronaf chegou a ser totalmente proibido a esse grupo, medida revertida dois anos depois. Já o BNDES só fez aumentar os empréstimos à agroindústria do fumo. Até 2010 foram cerca de R$ 370 milhões, sendo o maior valor no último ano (R$ 116 milhões). ●

NA WEB
VÍDEO
glo.bo/1ooXjoD
As histórias de fumicultores endividados no interior do Rio Grande do Sul

"A cadeia da produção ao consumo é articulada por transnacionais, que têm poder de decidir o preço."

Tania Cavalcante
Secretária executiva de comissão para o controle do tabaco no país

"A classificação segue uma instrução normativa do Ministério da Agricultura, e existe um técnico na hora da definição do preço."

Iro Schünke
Presidente do sindicato da indústria

"O produtor vira refém da indústria. Acaba sendo um mecanismo de escravidão."

Amadeu Bonato
Pesquisador do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais

ONTEM: Produtores de fumo sofrem com doenças físicas e psíquicas que estudos atribuem ao contato com as folhas

AMANHÃ: Agricultores recorrem a alternativas sustentáveis como porta de saída da fumicultura

TABACO: UM OUTRO LADO NEGRO

Futuro da produção de fumo no centro do debate

Reunião da ONU discutirá alternativas para fumicultores. Plantação de alimentos orgânicos é uma porta de saída

FLÁVIA MILHORANCE
Enviada especial
flavia.milhorance@oglobo.com.br

ANTONIO SCORZA

Substituição. O agricultor Gilvani Müller cuida da plantação de couve orgânica, depois de interromper a produção de folhas de tabaco em sua propriedade, na zona rural de Pelotas (RS)

-SÃO LOURENÇO DO SUL, RS- Quando pensa sobre o que espera do futuro, José Eupídio Nunes diz querer aumentar a produção de leite para interromper a de fumo na sua pequena propriedade na zona rural de São Lourenço do Sul (RS), município que é um dos maiores produtores de folhas de tabaco do país. Safra a preços incertos, condições precárias de trabalho e problemas na saúde da família estão entre as principais razões para o desejo de mudança. Mas que é seguido por um lamento:

— Plantar tabaco parece um vício como o cigarro. Todo ano dizemos que é o último, mas continuamos no seguinte — admite. — É que, enquanto não tivermos garantia de compra, não temos como parar totalmente com o fumo.

O relato de José Eupídio é um dos mais recorrentes entre os fumicultores. Ter assistência e mercados para escoar produções alternativas ao tabaco, numa região onde essa é a principal e histórica atividade econômica, é um desafio que tem sido tema central de debates de reguladores e ativistas. O futuro dos fumicultores, inclusive, abrirá as discussões da sexta reunião da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, que será realizada em outubro, em Moscou, na Rússia. O Brasil é um dos signatários do tratado internacional da convenção, que foi proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e desde 2003 promove encontros de representantes de países-membros para definir diretrizes contra o tabagismo.

REDUÇÃO DA DEMANDA POR TABACO

Nos últimos anos, as ações têm surtido efeito. Resultados publicados da Pesquisa Internacional de Tabagismo, publicados em maio, mostraram, por exemplo, uma queda de 32% na venda de cigarros e 28% no número de fumantes no Brasil apenas entre 2006 e 2013. Já segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), entre 1989 e 2010 houve uma diminuição de quase 50% na prevalência de fumantes. Em 2013, dados da pesquisa Vigitel revelaram uma prevalência de 11,3% da população fumante, contra 15,7% em 2006.

Para a chefe secretariada da convenção, a brasileira Vera Luiza da Costa e Silva, sediada em Genebra, a redução do tabagismo levará, a médio prazo, a uma "inexorável" diminuição da demanda por folhas de tabaco.

— Ao contrário de outros tratados contra drogas, em que o enfoque foi forte na proibição da plantação, nós começamos pela redução da demanda, educando fumantes e regulamentando a indústria. Então, agora precisamos olhar com mais cuidado a parte mais fraca, que é o plantador — comenta Vera Luiza. — No encontro vamos definir diretrizes para a diversificação da produção do tabaco e de sistemas de monitoramento. O nosso lema será diversificar para substituir.

A expectativa com a chamada Conferência das Partes (COP 6) tem alterado os ânimos da indústria do tabaco, já que sua participação não é permitida nas negociações-chave.

— Infelizmente a cadeia produtiva não pode participar das reuniões. É uma coisa ilógica e no mínimo antidemocrática — criticou Iro Schünke, presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco). — É possível que a demanda caia, mas hoje ela ainda se mantém. Nossa preocupação é que sejam colocadas restrições à produção e à comercialização, o que afetaria, inclusive, os agricultores.

Já Vera Luiza garante que não serão impostas restrições à plantação e que o processo de diversificação será gradual. Ela responde ainda que as reuniões precisam ocorrer sem "manipulação" da indústria do fumo para terem avanços. E Paula Johns, diretora-executiva da Aliança de Controle do Tabagismo, conta que, mesmo assim, os grupos pró-tabaco não se limitam a aguardar os resultados das discussões e a assinatura do documento final.

— A indústria faz pressão antes, durante e depois das COPs — afirma Paula.

Saiba mais

O que é a Convenção
A Convenção-Quadro do Controle do Tabaco é um tratado internacional proposto pela OMS e assinado por estados-membros, entre eles o Brasil. O documento com 38 artigos estabelece diretrizes para a redução do tabagismo

Como funciona
Periodicamente, os grupos de trabalho se encontram para avaliar resultados e detalhar ações propostas nos artigos. O sexto encontro será em outubro, em Moscou, com atenção especial para os artigos 17 e 18, que tratam de agricultores

Artigo 17
"As Partes (...) promoverão alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores, os cultivadores e, eventualmente, os varejistas de pequeno portes"

Artigo 18
"(...) As Partes concordam em prestar devida atenção, no que diz respeito ao cultivo do tabaco (...), à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas (...)".

O governo federal tem uma comissão especial para tratar do tema. Segundo Hur Ben Correa da Silva, da Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que faz parte do grupo, esse cenário de queda da produção vem se consolidando, e na última safra houve uma sobra de 600 mil toneladas de tabaco nos mercados mundiais, número considerável se comparado à produção brasileira, a segunda maior do mundo (de 706 mil toneladas).

— Além do fator "mercado", existe outro que é a autonomia das famílias, pois um número significativo delas não tem renda satisfatória, está em situação de pobreza — afirmou Correa da Silva, informando que o ministério aplicou R$ 52 milhões para assistir 11.200 famílias fumicultoras nos três estados do Sul, região que concentra mais de 90% da produção nacional. — Nosso compromisso é criar alternativas para o produtor.

Ele estima que 70 mil famílias já tenham recebido algum tipo de suporte, mas considera o desempenho do governo ainda tímido. A opinião é a mesma de Tânia Cavalcante, secretária executiva da Comissão Nacional para a implementação da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, grupo formado após a assinatura do tratado pelo Brasil, em 2005. Mas ela lembra que o país é um dos poucos que têm trabalhado na diversificação e recebeu, em maio, visita do grupo de trabalho da ONU.

— Há países que só cortaram os subsídios e deixaram os agricultores à própria sorte — lembrou Tania. — As metas da convenção estão evoluindo muito rápido, então é preciso se antecipar. O Brasil só tem mantido a produção por causa das exportações. Um dos principais destinos é a China, que está articulando a sua lavoura. Então, além do ponto de vista da saúde, existe um argumento econômico para debater alternativas.

No âmbito local, são cooperativas e ONGs que vêm se articulando para assistir agricultores. O Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa Sul) atende a 1.200 famílias na região Sul.

— É um processo. Destas famílias, existem desde as que ainda não têm segurança para mudar até aquelas que já substituíram o fumo pelos alimentos orgânicos, o leite — explica Rita Surita, coordenadora da ONG.

Um dos exemplos é Gilvani Müller, que recebeu apoio do Capa, e hoje planta hortaliças e frutas. Três vezes por semana, um representante de uma cooperativa vai à sua propriedade, em Pelotas, buscar a produção para suprir mercados na cidade (entre eles, creches e a Universidade Federal de Pelotas)

— Achei que o tabaco ia dar mais renda, mas foi o contrário — lembra Gilvani, que diz ter visto o lucro com o tabaco minguar ano a ano. — Até hoje estou pagando dívidas (R$ 22 mil), mas pelo menos agora não contraio novas. ●

Polícia prende pedófilo graças a dica de provedor

Prisão reabre debate sobre privacidade na internet

THIAGO JANSEN
thiago.jansen@oglobo.com.br

REUTERS

-HOUSTON E RIO- A polícia de Houston, no Texas, prendeu um homem que tinha em sua conta de Gmail material pornográfico infantil graças a uma dica dada pelo Google sobre o caso. Apesar de positivo, o desfecho do episódio levanta, no entanto, reflexões sobre a fronteira entre fazer o bem e invadir a privacidade de usuários.

De acordo com uma reportagem da emissora de TV KHOU Channel 11 News, o Google informou ao Centro Nacional para Crianças Perdidas ou Exploradas (NCMEC, na sigla em inglês) que John Henry Skillern, de 41 anos, tinha em seu e-mail imagens de crianças nuas. A ONG então alertou a polícia, que utilizou a informação para obter um mandado de busca contra Skillern — ele já tinha passagem pela polícia em 1994 por atacar uma criança. Ao analisar seus dispositivos eletrônicos, as autoridades encontraram mais imagens e mensagens sobre pornografia infantil, e efetuaram sua prisão.

— Ele guardava a informação em seu e-mail. Eu não posso ver essa informação, eu não posso ver essas fotos, mas o Google pode — disse à emissora o detetive David Nettles, da Força Tarefa de Houston para Crimes na Internet contra Crianças.

De acordo com a polícia, Skillern trabalhava como cozinheiro no restaurante Denny's, em Pasadena, cidade onde moram seus pais. Em seu celular, foram encontrados vídeos de crianças no estabelecimento, com suas famílias.

Em abril deste ano, o Google alterou seus termos de uso para explicitar que os usuários têm seus conteúdos, inclusive e-mails, analisados de maneira automática, para que ela possa "fornecer recursos relevantes". Além disso, a empresa também vem utilizando desde 2008 sistemas específicos para verificar e combater o compartilhamento da pornografia infantil.

REPRODUÇÃO

Aquele que tudo vê na internet. Desde 2008 o Google monitora o materiais de pornografia infantil entre usuários para combater a prática criminosa

Denunciado pelo e-mail. John Henry Skillern, de 41 anos, foi preso por pornografia infantil graças a uma dica do Google

Diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS-Rio), Ronaldo Lemos vê como positiva a colaboração de empresas de tecnologia com autoridades, mas apenas em casos de crimes extremos, e desde que os usuários tenham as suas expectativas de privacidade atendidas:

— É preciso haver um limite claro sobre o que as empresas podem fazer com os dados dos usuários. Infelizmente, as companhias ainda pecam em explicitar essas regras, já que, para isso, não costumam ir além dos termos de uso. *(Com agências internacionais)* ●

TCU investiga obras de universidade em Duque de Caxias

Órgão aponta irregularidades em acordo firmado entre prefeitura e Petrobras

O Tribunal de Contas da União (TCU) investiga o convênio entre Petrobras e a Prefeitura de Duque de Caxias para a construção de um centro educacional na cidade. Para o órgão, os termos do contrato têm "irregularidades" e "impropriedades", como o preço dos materiais e o fato de o terreno utilizado não ser propriedade do município à época do acordo, firmado em 2007, durante a gestão do prefeito Washington Reis.

Na última sexta-feira, O GLOBO revelou que as obras, iniciadas há seis anos, estão paradas desde 2011, devido ao impasse gerado entre diferentes governos. Ao todo, R$ 34 milhões, cerca de 89% da verba prevista, já foram gastos.

O ex-prefeito Washington Reis informou que o terreno foi comprado da empresa Poland Química Ltda., durante sua gestão, pelo valor de R$ 3.168.824,03, com recursos do município. Ele disse também que nunca foi acionado pelo TCU oficialmente.

O processo ainda está em curso. Conforme determinado pelo tribunal, a Petrobras enviou um relatório sobre o estado atual da construção, bem como a verba já empenhada. O documento está em análise. O GLOBO procurou a Petrobras, mas não obteve resposta. *(Leonardo Vieira)* ●